

FICHA TÉCNICA

Título original: *Desert God*

Autor: *Wilbur Smith*

Copyright © Wilbur Smith, 2014

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por HarperCollins Publishers em 2014

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Isabel Andrade*

Revisão: *Gabriela Varino/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Mapa © Nicolette Caven 2014

Capa: *Vera Espinba/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, novembro, 2017

Depósito legal n.º 432 579/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Aton fechou por breves instantes os seus pequenos olhos, encovados no meio de duas bolsas de gordura. Em seguida, ergueu-os do tabuleiro de *baa*, que estava colocado entre nós os dois, e dirigiu a atenção para as duas jovens princesas da casa real de Tamose, que, desnudas, se divertiam nas águas límpidas da lagoa.

— Já não são crianças — comentou, absorto, sem deixar transparecer o menor vestígio de interesse lascivo no que via. Estávamos sentados um diante do outro debaixo de uma *barrazza* aberta, com uma cobertura de folhas de palmeira, próximo de uma das lagoas que se formavam nas represas do imenso rio Nilo.

Sabia eu que, com aquela alusão às raparigas, a sua intenção era distrair-me da minha jogada seguinte com as pedras *baa*. Aton não gosta de perder, pelo que, também não tem muitos escrúpulos quanto ao modo como alcança essas suas vitórias.

Aton sempre ocupou um lugar cimeiro na lista dos meus amigos mais antigos e mais queridos. Tal como eu, ele é um eunuco e também já foi escravo. Nesse período de escravidão, muito antes de chegar à puberdade, o seu amo distinguiu-o pelo excepcional intelecto e argutas faculdades mentais. Era seu desejo alimentar e concentrar esses dons e evitar que se dissipassem por meio das distrações da libido, e, uma vez que Aton era um bem extremamente valioso, o amo chamou o médico de maior renome de todo o Egito para levar a cabo a castração. Há muito que o amo morreu, Aton, porém, suplantou largamente a condição de escravo. Atualmente é ele o camareiro-mor do palácio real do Faraó de Tebas, mas é também especialista em espionagem e administrador de uma rede de

informadores e agentes clandestinos espalhada por todo o mundo civilizado. Existe apenas uma organização que a supera, a minha própria. Neste ponto, como em muitas outras coisas, entramos em amistosa competição um com o outro, e poucas coisas nos dão maior prazer e satisfação do que marcarmos pontos um contra o outro.

Aprecio grandemente a sua companhia, pois me diverte e amiúde me surpreende com bons conselhos e discernimento. Uma vez por outra consegue testar a minha destreza diante do tabuleiro de *baa*. Habitualmente é pródigo nos elogios que me tece, mas a maior parte das vezes põe à prova a minha própria genialidade.

Agora, ambos observávamos Bekatha, a mais nova das princesas reais, em quase dois anos, embora talvez não se conseguisse antevê-lo ao primeiro olhar, pois era alta para a idade e os seios começavam a despontar, chegando mesmo os mamilos a intumescer com denodo, quando se banhava nas águas frias da lagoa. Era esguia, ágil e de riso fácil, embora detentora de um temperamento volúvel. As feições tinham uma nobreza no entalhe, com um nariz estreito e retilíneo, maxilares fortes e redondos e os lábios delicadamente arqueados. A cabeleira farta e brilhante reluzia ao sol com reflexos acobreados. Herdara-a do pai. Embora ainda não tivesse conhecido a flor vermelha da feminilidade, eu sabia que isso não tardaria a acontecer.

Amo-a, mas a verdade é que amo um pouco mais a sua irmã mais velha.

Tehuti era a mais velha e a mais bela das duas irmãs. Sempre que olhava para ela, parecia estar a ver de novo a sua mãe. A Rainha Lostris havia sido o grande e único amor da minha vida. Sim, eu amara-a como um homem ama uma mulher, porque, ao contrário do meu amigo Aton, fui castrado quando era já homem feito e depois de conhecer o prazer de desfrutar do corpo de uma mulher. A verdade é que o meu amor pela Rainha Lostris nunca foi consumado, posto ter sido castrado previamente ao seu nascimento, mas ganhou bem maior intensidade por nunca ter sido aplacado. Cuidei dela em criança e servi-a como guia ao longo de toda a sua existência feliz, aconselhando-a, orientando-a e entregando-me todo a ela sem reservas. Por fim, amparei-a nos meus braços quando morria.

Antes de partir para o mundo subterrâneo, Lostris sussurrou-me algo que nunca esquecerei:

— Em toda a minha vida, amei apenas dois homens. Tu, Taita, foste um deles.

Foram estas as palavras mais doces e amorosas que alguém me dirigiu.

Planeei e supervisionei a construção do seu túmulo real, depusitei nele o seu corpo, outrora belo e agora inerte. Como desejei acompanhá-la para esse mundo dos mortos. Sabia eu todavia que não podia fazê-lo, pois teria de ficar a cuidar das suas filhas, do mesmo modo que cuidara dela. Na verdade, este não tem sido um fardo muito pesado, dado que a minha vida se tem enriquecido com essa incumbência sagrada.

Aos 16 anos de idade, Tehuti era já uma mulher feita, com uma pele reluzente e imaculada, os braços e as pernas esbeltos e elegantes, como os de uma bailarina, ou como os membros do magnífico arco de guerra de seu pai, que eu mesmo talhara e depositara sobre a tampa do seu sarcófago antes de selar o túmulo.

Tehuti tinha ancas cheias, mas uma cintura estreita como o gargalo de uma ânfora de vinho, os seios eram redondos e tensos e os fartos caracóis dourados que lhe cobriam a cabeça reluziam em todo o seu esplendor, os olhos eram tão verdes como haviam sido os da sua mãe. O seu encanto era de uma perfeição sem limites; e, quando me brindava com o seu sorriso, ficava eu com o coração confrangido. Era de uma natureza gentil, muito paciente, mas destemida e decidida quando era provocada.

Amo-a quase tanto como amo ainda a sua mãe.

— Fizeste um bom trabalho com elas, Taita — elogiou-me Aton, com grande generosidade. — São ambas os tesouros que ainda poderão salvar o nosso Egito da barbárie.

Nisto, como em tantas outras coisas, Aton e eu estávamos em absoluto acordo. Era essa a verdadeira razão pela qual ambos tínhamos vindo para este lugar remoto e isolado do mundo, ainda que todos os restantes habitantes do palácio, o próprio Faraó incluído, estivessem convencidos de que nos havíamos encontrado aqui para darmos seguimento à nossa interminável rivalidade diante do tabuleiro de *baa*.

Não respondi de pronto ao comentário, baixando antes os olhos para o tabuleiro. Aton fizera o seu último movimento quando eu ainda olhava para as meninas. Era o mais hábil jogador de todo o Egito deste jogo sublime, e o mesmo era dizer «de todo o mundo civilizado». À exceção de mim próprio, claro. É habitual ganhar-lhe três jogos em cada quatro partidas.

Agora, a desprevenido olhar, percebia eu que este jogo seria um desses três, porque a sua última jogada fora mal calculada. A disposição das suas pedras ficara assim desequilibrada. Era um dos poucos erros do seu jogo; em vezes sobejas, quando se convenia de que tinha a vitória como certa, lançava toda a prudência ao ar, baixava a guarda e desconsiderava a regra das sete pedras. Em seguida, cuidava de concentrar todo o ataque a partir do castelo a sul e permitia-me assumir o controlo do seu flanco leste ou oeste. Desta vez, era leste. Não precisei de uma segunda oportunidade, e lancei-me ao ataque como uma cobra.

Reclinou-se no banco ao mesmo tempo que avaliava a minha jogada inesperada, e, quando por fim percebeu a espantosa genialidade daquele meu movimento, o seu rosto ensombrou-se ultrajado e, com a voz embargada, declarou:

— Creio que te odeio, Taita. E, se assim não for, decerto que deveria fazê-lo.

— Fui bafejado pela sorte, velho amigo — disse-lhe, ao mesmo tempo que procurava não denunciar o meu regozijo. — Seja como for, isto não passa de um jogo.

Encheu as bochechas de ar e soprou com indignação.

— De todas as coisas néscias que já te ouvi dizer, Taita, esta é a mais crassa. Não se trata apenas de um jogo. Esta é a verdadeira essência da vida — disse, mesmo zangado.

Baixei o braço para debaixo da mesa, peguei na ânfora de vinho e tornei a encher-lhe o caneco. Era um vinho soberbo, o melhor de todo o Egito, que eu trouxera das adegas instaladas nas caves do palácio do Faraó. Aton tornou a encher as bochechas de ar e a soprar, para imprimir reforço à afronta e à ira que sentia, mas, como se agissem por vontade própria, os seus dedos carnudos fecharam-se em volta da asa do caneco e levou-o aos lábios. Em dois

tragos, engoliu o conteúdo, com os olhos fechados em puro deleite. Ao pousar o caneco, suspirou.

— És capaz de ter razão, Taita. Existem outras boas razões para se viver — concluiu, ao mesmo tempo que começava a guardar as pedras de *baa* nas bolsas de cabedal fechadas por dois cordões. — Conta-me, então, as novidades que ouviste vindas do Norte. Surpreende-me uma vez mais com a grandeza da tua inteligência.

Chegávamos, desse modo, finalmente ao verdadeiro propósito daquele nosso encontro. O Norte continuava a ser o nosso maior perigo.

Há mais de cem anos, a traição e a rebelião haviam dividido o nosso grandioso Egito. O Pretendente Vermelho ao Trono, o falso Faraó — cujo nome de propósito não pronuncio e maldito seja para toda a eternidade —, esse traidor rebelou-se contra o verdadeiro Faraó e apoderou-se de todo o território situado a norte de Asyut. O nosso bem-amado Egito mergulhava, desse modo, numa guerra civil que se prolongaria por um século inteiro.

Chegada a vez de o herdeiro do Pretendente Vermelho ascender ao trono, foi esmagado por uma tribo selvagem e guerreira, emergida das estepes setentrionais, situadas para lá do Sinai. Esses bárbaros arrasaram todo o Egito e conquistaram-no pela força de armas, cuja existência desconhecíamos por completo: o cavalo e a quadriga. Depois de derrotarem o Pretendente Vermelho ao Trono e sitiarem a região norte do Egito, do mar Interior a Asyut, esses Hicsos viraram-se para nós, descendo e atacando-nos pelo sul.

Nós, os verdadeiros Egípcios, não tínhamos defesa possível para nos opormos a eles. Fomos expulsos da nossa própria terra e vimo-nos forçados a retirar para sul, para lá das cataratas do Nilo, em Elefantina, e do deserto do fim do mundo. Aí nos mantivemos enquanto a minha ama, a Rainha Lostris, reagrupava as tropas.

No seu todo, a parte que me coube nesta regeneração não foi insignificante. Por natureza, não sou um homem pretensioso; todavia, a este propósito, posso afirmar sem receio de me equivocar que sem o meu papel orientador e de conselheiro, a minha ama e e Memnon, o seu filho, o Príncipe da Coroa, que é atualmente o Faraó Tamose, nunca teriam alcançado aquilo a que se propunham.

Entre os numerosos outros serviços de que estava incumbido de lhe prestar, fui aquele que construiu as primeiras quadrigas com rodas raiadas, mais leves e rápidas do que as dos Hicsos, construídas com rodas de madeira maciça. Em seguida, procurei os cavalos mais aptos para as puxar. Quando tudo estava pronto, o Faraó Tamose, que era agora um homem feito, desceu às cataratas na dianteira do nosso novo exército e rumou ao Norte, penetrando no Egito profundo.

O chefe dos invasores hicsos apelidava-se a si próprio Rei Salitis, mesmo sem o ser, pois que, quando muito, seria um mero barão saqueador e um foragido. Todavia, o exército que comandava excedia ainda em número o nosso egípcio numa proporção de quase dois para um, além de estar bem apetrechado e ser de grande ferocidade.

Apanhámo-los, todavia, desprevenidos, e, em Tebas, travámos contra eles uma batalha sangrenta. Esmagámos as suas quadrigas e matámos os seus homens, dispersando os sobreviventes em debandada e fazendo-os recuar para norte. No campo de batalha, deixaram eles para trás dez mil corpos e duas mil quadrigas destruídas.

Apesar disso, nas nossas tropas bravas infligiram eles pesadas baixas, porquanto não pudemos prosseguir a luta nem destruí-los por completo. Desde então, os Hicsos têm-se mantido escondidos no delta do Nilo.

O Rei Salitis, esse velho saqueador, está hoje morto. Não morreu ele no campo de batalha pelo golpe de uma espada desferida por um bom espadachim egípcio, como teria sido justo e devido, mas de velhice, deitado numa cama e rodeado pela horda das suas hediondas mulheres e da sua sinistra prole. Entre eles, encontrava-se Beon, o primogénito, que hoje se intitula Rei Beon, Faraó dos Reinos do Alto e do Baixo Egito. A verdade é que não passa de um flibusteiro assassino, pior ainda do que o ímpio pai. Amiúde, os meus espiões informam-me de como Beon, com paulatina firmeza e determinação, está a reconstruir o exército hicsos, que nós próprios tão severamente mutilámos naquela batalha de Tebas.

Essas são notícias perturbadoras, posto estarmos a ter grande dificuldade em abastecer-nos de matérias-primas para compensarmos as perdas sofridas nessa mesma batalha. O nosso reino

meridional, situado no interior, não tem por isso comunicação alguma com o imenso mar Interior, nem com o comércio com as outras nações do mundo civilizado, nem com quaisquer cidades-estado, abastadas em peles e couros, madeira, cobre, antimônio, latão e outras forças de guerra de que estamos tão precisados. Do mesmo modo, carecemos nós de mão de obra e de guerreiros. Precisamos de aliados.

Os Hicsos, nossos inimigos, por seu lado, têm magníficos portos marítimos no delta, onde o Nilo entra no mar Interior e os fluxos comerciais são escoados sem interrupções. Graças à ação dos meus espiões, eu sempre soubera que os Hicsos procuravam firmar alianças com outras nações guerreiras.

Aton e eu encontrámo-nos neste lugar isolado para discutirmos e ponderarmos sobre tais problemas, posto a sobrevivência do nosso bem-amado Egito estar a ser disputada no fio de uma adaga. Em muitas outras ocasiões, Aton e eu havíamos debatido tudo isto, longa e profundamente, agora, porém, estávamos prontos para tomar as derradeiras decisões e para, em seguida, as apresentarmos ao Faraó.

Todavia, as princesas reais tinham outros planos. Ao verem Aton pegar nas pedras *baa*, tomaram-no como um sinal de que agora podiam ser merecedoras de toda a minha atenção. Sou-lhes devoto, mas são ambas muito exigentes. Apressaram-se a sair da lagoa, lançando salpicos de água em todas as direções e tentaram ver qual delas corria mais depressa e me alcançava em primeiro lugar. Bekatha é a mais nova, mas também a mais rápida e determinada, dado estar disposta a fazer quase tudo para conseguir obter o que pretende. Venceu Tehuti por um palmo e foi fria e molhada do banho na lagoa que se atirou para o meu colo.

— Amo-te, Tata — gritou, lançando os braços em volta do meu pescoço e pressionando contra a minha face uma encharcada mecha de cabelo ruivo. — Conta-nos uma história, Tata.

Vencida na corrida para me alcançar, Tehuti teve de aceitar a posição menos almejada aos meus pés. Com graciosidade e lentidão, desceu o corpo despido, que pingava água para o chão, e abraçou as

minhas pernas, estreitando-as de encontro ao seu peito, ao mesmo tempo que apoiava o queixo sobre os meus joelhos e deixava ficar o olhar preso ao meu rosto.

— Sim, por favor, Tata. Conta-nos algo sobre a nossa mãe e diz-nos como ela era bonita e inteligente.

— Antes disso, porém, devo falar com o tio Aton — objetei.

— Ah! Então, está bem. Mas não te demores — interrompeu-me de pronto Bekatha. — É tão aborrecido.

— Não me deterei, prometo — assegurei-lhes e tornei a olhar para Aton, após o que calmamente começámos a falar em hicsônio, o idioma do nosso inimigo figadal, no qual éramos ambos fluentes.

Além de sempre ter zelado pelo conhecimento profundo dos meus inimigos por considerá-lo indispensável, também tenho algum jeito e facilidade com as palavras e as línguas. Desde que regresssei a Tebas, tive muitos anos disponíveis para aprender. Aton não se juntou ao êxodo para a Núbia, dado não ser um espírito aventureiro. Desse modo, permanecera no Egito e sofrera o jugo dos Hicsos. Não obstante, aprendera tudo o que eles tinham para ensinar, até mesmo o idioma, mas nenhuma das princesas compreendia uma palavra que fosse.

— Oh, detesto quando falas esse jargão horrível! — reclamou Bekatha a fazer beicinho, e Tehuti acompanhou-a no protesto, mostrando o seu próprio desacordo.

— Se nos amas, Taita, terás de falar em egípcio.

Abracei Bekatha e acariciei a adorável cabeça de Tehuti. Ainda assim, continuei a falar com Aton na língua que as minhas meninas tanto deploravam.

— Não faças caso do pranto infantil. Prossegue, velho amigo!

Aton deixou de fazer o sorriso forçado que exibia e prosseguiu:

— Estamos, então, de acordo, Taita. Precisamos de aliados e de estabelecer relações comerciais com eles, ao mesmo tempo que teremos de negar ambos aos Hicsos.

Senti-me tentado a dar-lhe uma réplica sarcástica, mas já o aborrecera o bastante diante do tabuleiro de *baó*, porquanto limitei-me a anuir com uma expressão séria.